

Escrevendo com luz

TERCIO M. GAROFALO E EMILIO GAROFALO NETO



“A luz é doce...”

— Eclesiastes 11.7

“Na tua luz, vemos luz.”

— Salmo 36.9

“Disse Deus: Haja luz; e houve luz.”

— Gênesis 1.3

“A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela.”

— João 1.5

INTRODUÇÃO

Nosso homenageado, Wadislau, ama as artes cinematográficas. E ele já nos ensinou muito sobre as trevas e sobre a luz deste mundo; ele mesmo brilhando intensamente onde Deus o colocou. Neste singelo artigo, a ideia é tratar brevemente acerca de como Deus está escrevendo com luz a história do cosmos e comparar isso com a arte e o ofício do cinematógrafo.

O tema de luz e trevas é preeminente nas Escrituras. Salvação, por exemplo, é descrita como *sair das trevas para a luz*. Mas há bem mais que

isso. Uma rápida busca em uma chave bíblica vai revelar como o tema aparece em epístolas, trechos poéticos, narrativas históricas e assim por diante. Poeticamente, poderíamos dizer que Deus é o cinematógrafo do mundo. Nós reformados corretamente enfatizamos sua soberania, sendo o diretor e o roteirista do mundo. Mas deixamos de falar das nuances de luz que ele cria. Escrever com luz é algo que o criador faz, e nós fazemos derivadamente.

Luz é parte da glória do mundo criado bom. Luz é o que nos permite ver. Deus poderia ter feito um mundo em que nos guiássemos apenas pelos outros sentidos, sem ter visão. Será que seríamos capazes de imaginar o que é ver? Luz é ainda o que nos dá as cores. Deus poderia ter feito um mundo em preto e branco e tons de cinza, mas fez com infinidade de cores. Luz é o que traz ainda o calor do Sol. Na sabedoria de Deus, nosso planeta foi colocado precisamente onde necessário para termos calor suficiente; nem demais, nem de menos. Luz é doce. Luz inspira nossas poesias, nossos corações. Quantas vezes a penumbra, a luz do luar, o nascer do Sol, ou uma luz nublada esquisita fizeram com que seu humor se alterasse? Comovido naquela meia luz... Deus vem usando sua bela luz para guiar esse mundo e nos fazer ser o que somos.

Fotografias são das nossas coisas favoritas. Aprendemos desde cedo que fotos são coisas importantes e parte de nossa vida. A forma de lidar com fotos vem sendo diferente a cada geração. Os mais velhos se acostumaram a fazer álbuns de fotos, que era a única maneira de ter e mostrar, através de um álbum advindo de um filme revelado. Não existiam ainda nuvens para guardar nossas fotos. Você colocava um filme na máquina, 12, 24 ou 36 poses, tirava as fotos do evento; cuidadosamente, pois tinha poucas poses... após um tempo, às vezes meses, levava as fotos para revelar e lá estavam elas, reveladas. Aí você se punha a lembrar o que tinha no filme e, às vezes, eram coisas de que você nem se lembrava... o aniversário da vovó? Mas foi em maio! E de quem é essa perna? Eita mãe, você fechou o olho... fulano olhou para o lado. Mas você entesourava aqueles 50% a 60% das fotos que tinham ficado boas. Hoje é diferente, pois todo mundo anda com uma câmera fotográfica o tempo todo, nos celulares. Não precisa ser um celular top para ter câmera e registrarmos tudo. Fotografamos, colocamos filtros, fazemos efeitos, publicamos *online*. Mesmo com tudo isso, poucos param para pensar o que significa fotografia: foto = luz; grafia = escrita. Fotografar é “escrever com luz”. Fica bonito pensar assim. Desde quando nós criamos um método de

gravar a luz refletida de momentos da vida, escrever com luz num material sensível à luz, criamos uma das coisas que mais amamos: fotografia. Levou um tempo, mas percebemos que poderíamos escrever com luz de maneira sequencial de modo a dar a impressão de movimento — a cinematografia. E, desde então, usamos a luz para escrever e registrar nossa história, nossa vida, nossos amores, nossas dores.

Mas antes de descobirmos tudo isso, a luz já vem sendo usada por Deus para escrever nossos dias. Deus escreve com a luz rica e impressionante do pôr-do-sol, com a luz dura do meio-dia, com a luz reflexa da Lua, com a luz bruxuleante do fogo, com a luz dourada da melhor hora para filmar. Deus vem escrevendo a história de todos e a história de cada indivíduo com luz. Deus tem nos guiado e escrito nossas vidas com luz.

A LUZ COMO ELEMENTO CRIATIVO NO CINEMA E NA VIDA

O cinematógrafo é essencial para a produção de um filme. Ele é o artista responsável pelo planejamento e execução do *design* visual do filme.¹ Manipula os elementos visuais ditando o tom, estilo e trazendo vida e significado às imagens com a finalidade de contar uma história. O cinematógrafo é o braço direito do diretor e quem ajuda a tornar palpáveis e visuais o que ainda seriam apenas ideias em sua cabeça ou no papel. A luz é o principal instrumento e ferramenta do cinematógrafo. Com a luz, ele revela, aponta, enfatiza e oculta. Com a luz, ele escreve, descreve e concebe. Ele narra, tece e compõe.

1 Ele faz o planejamento da forma como cada elemento visual vai ser apresentado e seus significados. Assim como na música, podemos decupar o tom, a melodia, timbres, escalas, um arpejo, uma dissonância, assim também podemos decupar e manipular elementos visuais. Luminosidade, cor, saturação, linhas, formas, texturas, ritmos, espaço etc. Por isso, suas principais ferramentas são o controle das fontes de luz, práticas (vistas em cena) e cinemáticas (externas, artificiais) de forma motivada, isto é: desenhando a luz de modo a parecer que ela faz parte do mundo e do contexto da cena, mesmo não existindo no nosso mundo real. Como uma luz que parece que veio de uma janela; mas, na verdade, vem de um refletor. Outro instrumento central é a câmera que trabalha com determinada resolução, compressão, espaço de cor e tem tendências para certos *looks*. As lentes também influenciam no estilo e podem comprimir ou expandir o espaço. Promovem destaque e separação com a seleção do objeto em foco. Movimentos de câmera que revelam e direcionam o olhar, a posição e o ângulo da câmera, que nos coloca mais perto ou mais distante do espectador, estabelece relações de poder, importância, estado emocional do personagem, ponto de vista etc. Tudo isso em afinado diálogo com o departamento de arte, que é responsável por inserir os objetos físicos e palpáveis aos personagens, em conformidade com esse planejamento visual pré-determinado.

Com a luz, ele pinta. Toda a nossa percepção das formas, aparências, fisionomias são moldadas e percebidas em direta relação com a diversidade com que a luz se apresenta, em forma, direção, cor, qualidade e intensidade.

Costumamos pensar a sombra em termos simples, como mera ausência de luz, como espaço negativo. Mas é necessário perceber que a variedade e as nuances de sombras não são mera falta de luz, mas a presença mensurada de uma menor quantidade de luz. O quão escura é a escuridão? Quão densa e profunda? Quão suave ou abrupta é sua transição para a luz? A sombra é uma decisão consciente do cinematógrafo, que escolhe oferecer menos luz a uma determinada cena, a um determinado espaço e área dentro de sua tela e de sua moldura; ele o faz com propósito e objetivos claros, proporcionando significado, contraste e riqueza visual.

As décadas de 40 e 50 no cinema norte-americano são marcadas por uma geração de filmes com complexas tramas de crime, jogos, drama, mistérios e marcante contraste de luz e sombra. Essa é a geração clássica do *Film Noir*, um estilo com forte influência do Expressionismo alemão da década de 20 e do *Chiaroscuro* presente em pintores como Caravaggio e Rembrandt. Diferente de nós, na nossa vida cotidiana, os cinematógrafos dessa época não tinham medo do escuro ou se desanimavam com sua presença. Mas entendiam a sua existência como elemento intrinsecamente repleto de significado, seu valor como moldura para a luz e a importância do “ainda não revelado”. É a presença de contrastes, de diferentes intensidades de luz (luz e sombra), que denuncia a forma, contorno e dimensão de tudo o que vemos. É nessa dança, em que a luz se apresenta em maior ou menor intensidade, que vislumbramos a riqueza e complexidade da geografia de um rosto, a delicadeza dos finos contornos de uma flor, a robustez, a textura e as ranhuras do tronco de uma antiga e imponente seringueira.

A luz direciona nossos olhos para o que o autor quer revelar. Cor, geometria, movimento, ritmo, espaço, diversos são os elementos que guiam nossos olhos para um determinado evento dentro da imagem. Mas a luz é o principal deles. Normalmente, o primeiro a chamar nossa atenção. A primeira coisa ao qual nossos olhos e percepção respondem é ao lugar mais claro da imagem. Com ela olhamos para onde o autor quer que olhemos e deixamos de olhar para onde ele quer. Se tudo fosse iluminado na mesma intensidade, além da perda na percepção de formas, perderíamos também o foco e vaga-

ríamos com o nosso olhar sem saber para aonde ir. A luz mais intensa nos aponta uma direção; e é a sombra ao redor dela que propicia o seu destaque, eliminando a competição.

É muito interessante ver como a Bíblia fala acerca de Deus nos guiando em trevas e luz. Após saírem do Egito, os israelitas eram guiados pela sombra do pilar de nuvens, e pela luz do pilar de fogo. A palavra dele é “luz para nosso caminho”, conforme nos ensina o Salmo 119. Já o Salmo 23 nos mostra que Deus nos leva como bom pastor por vales com “sombras de morte”, retirando boa parte da luz e nos deixando em situações duras, mas sob o controle dele. Deus usa luz e trevas para enfatizar e para focar nossa vista do coração.

Salomão, em Eclesiastes 11.7, falou que a luz é doce. Como assim? Você já tentou olhar o Sol de frente em todo seu esplendor? Quanto tempo você aguentou? Salomão não está falando de tentar danificar os olhos; ele está dizendo que a luz do Sol faz a vida agradável; que a luz é doce presente de Deus para nós. Em Eclesiastes, Salomão fala extensa e belissimamente acerca do agridoce da vida, de como as coisas boas deste mundo são de fato boas; mas, em última instância, insatisfatórias, como correr atrás do vento.

Eclesiastes nos lembra que nem tudo é dia, nem tudo é claridade; ainda que alguém viva muito anos, regozije-se em todos eles; contudo, deve se lembrar de que há dias de trevas, há dias nos quais a noite nos pega; dias em que a vaidade, a futilidade deste mundo nos danificam de maneira especial. Nisso tudo vemos a mão providente de Deus. Salomão e toda a Bíblia insistem nisto: que Deus sabe o que está fazendo e está escrevendo nossa história com luz. E ele começa a fazer isso em nossa infância, em nossos dias de total dependência dos outros. Pense em um bebê. Pense naquela pequena vida que está ali e que depende de outra pessoa absolutamente para tudo. Deus nos faz nascer completamente dependentes e nós sequer nos lembramos desses primeiros tempos de nossa vida. Cremos que certas coisas se passaram baseados no relato de outros ou porque alguém escreveu com luz num filme ou foto. E, aos olhos de Deus, as mais frágeis luzes são importantes e valiosas; os mais pequeninos são preciosos. A luz de Deus vem batendo em cada um desde cedo. Deus vem escrevendo esse filme de sua vida, antes mesmo que você saísse das fraldas. E, muitas vezes, a escuridão serve para que foquemos os olhos do coração naquilo que ele deseja que foquemos.

A LUZ E SUAS QUALIDADES

Um cinematógrafo pensa sobre a luz não apenas em sua intensidade, mas em seu ângulo, direção, qualidade, temperatura e cor. A “qualidade” da luz é um atributo que está relacionado à sua capacidade de envolver com luz o objeto que ela contempla, suavizando e adoçando a forma como as sombras são formadas. A luz é doce, como já disse Salomão, e pode ser usada para produzir imagens doces.

Uma luz difusa, uma luz *soft* (macia), abraça o objeto de seu afeto, de modo que as sombras que se espalham sobre ele são suaves; tecnicamente, possuem uma menor diferença comparativa de luminosidade, de iluminação em cada área. São sombras leves, sem bordas, sem transição marcante para a luz. Possuem apenas o suficiente para proporcionar forma e fisionomia. Tal luz é produzida quando a fonte de luz, o lugar de onde ela vem, tem um tamanho tal em relação ao objeto iluminado, que seus raios atinjam grandes áreas no mesmo, ainda que em intensidades diferentes. Ela o cerca, o envolve, quase o circunda.

A infância do mundo foi feita com luz. Do Sol vêm as cores. Deus disse haja luz e a luz vem brilhando e brilhando até hoje. E Deus fez a luz doce e ela brilhava sobre Adão e Eva e eles aproveitavam do jardim. Mas um dia a noite chegou de maneira feia sobre o coração humano quando eles comeram do fruto proibido. E o mundo nublou moralmente. Há dia mal. Há dias escuros. Existem dias em que a noite chega e a doce luz parece que desaparece. Há dia que é preto e branco mesmo. Há dia no qual o mal, como grande buraco negro, parece sugar até mesmo a doce luz para seu centro. E foi na viração do dia, quando a luz vai mudando, que Deus, no crepúsculo, vem lhes falar. Eles recebem a promessa de que ele mesmo resolveria a situação. Teríamos que lidar com os efeitos escuros de um mundo reduzido à vaidade e quebrado por nós; mas ele faria tudo belo em seu próprio tempo utilizando aquele que seria chamado de “a luz do mundo”.

O Sol é uma fonte de luz, das mais intensas e das maiores fontes em dimensão que conseguimos pensar. Seria de se esperar então que este produziria uma luz extremamente difusa, mas a nossa experiência nos mostra que a sombra que projetamos do Sol não é nada difusa e macia. Quando olhamos para o chão num dia de Sol a pino, vemos nossa sombra marcada, definida, dura e escura. Isso se dá porque, apesar de seu tamanho e incomparável in-

intensidade, o Sol é uma fonte distante. Pense naquelas fotos que todos já vimos (ou tiramos) de pessoas “pegando o Sol na palma das mãos” no final do dia, brincando com perspectiva e proporção. Na prática, o Sol é na maneira de iluminar, uma fonte, obviamente poderosa, mas também “pequena” por causa da distância.

Observemos então que a sombra difusa acontece, em grande parte, pela proximidade da fonte e não apenas pelo seu tamanho absoluto. Não importa o quão poderosa seja. Para que seja macia, é necessário estar perto de nós, em proporção e perspectiva, ser maior do que nós. Deus é luz e nele não há treva alguma. Ele é a fonte de toda luz e inigualável a qualquer outra. Pois, embora enorme, na verdade imenso, ele é próximo. Capaz de iluminar a todo o cosmos ao mesmo tempo em que produz luz macia perto de nós em seu cuidado e presença.

Em um dia nublado, pouco percebemos sombras ao nosso redor. As nuvens que recebem a luz do Sol se comportam como se fossem a própria fonte de luz (embora dependam dela); e, pela sua relativa proximidade a nós, são grandes o suficiente para espalharem a luz, de tal maneira que ela nos envolve quase uniformemente, gerando poucas sombras, pouca diferença de intensidades de luz incidente.

Em tal sentido, a igreja pode funcionar como nuvens. Recebemos a luz fortíssima de Deus e a dispersamos de maneira mais uniforme e tolerável, dispersando sombras em toda parte. Cristo é a fonte de luz, mas a multidão dos que creem funcionam como uma nuvem que vai dissipando a sombra; refletimos e multiplicamos a luz que recebemos dele.

1. *Direção*

A direção da luz é um dos principais fatores que nos ajudam a perceber onde estamos numa história. Se um cinematógrafo quer criar uma cena que ocorra de manhã bem cedinho na história, existe um determinado ângulo e direção de luz (entre outros fatores, como a cor), que vai nos indicar que essa é a hora do dia em que nossa história está inserida, sem que precisemos olhar no relógio. O espectador sabe, intuitivamente, que está de manhã na história sem que sequer apareça um relógio ou alguém fritando bacon. Fica inconsistente dizer que são 7 horas da manhã, quando a luz que ilumina uma personagem, projeta a sombra dele no chão, de cima para baixo. Intuitivamente,

sabemos que há algo errado. A inconfundível luz do nascer do dia se alinha ao horizonte, rasga as janelas e invade nossas casas com vívidos tons de rosa e em comovente e crescente intensidade. Dissipa as sombras que, arrogantes, achavam que durariam, e subjuga qualquer outra fonte de luz que tivesse a ousadia de tentar iluminar aquele espaço se julgando maior que o Sol. A luz da verdade divina penetra nossas vidas de maneira similar. Nossa idolatria e rebeldia dominavam a cena até que a luz de Cristo brilhasse em nossos corações pela ação do Espírito Santo. E agora se fez aurora em nossas vidas. A luz vem limpando a vista e trazendo nova vida. Paulo, em Romanos 13, e o autor do Salmo 130 falam do anseio pelo surgimento da luz da manhã, que enche o coração de esperança e expulsa as trevas.

2. Cor

Deus quis fazer cores. Ele não era obrigado a fazê-las. Poderia ter feito o mundo de maneira tal que nossos olhos não percebessem o espectro eletromagnético desta forma. Poderia nem ter criado espectro algum. Mas ele quis nos dar a possibilidade de ver e amar as cores em sua infinita diversidade. Cores são parte de nossa história e compõem nossa vida.

A cor de uma fonte de luz é uma das principais ferramentas de um cinematógrafo que deseja enfatizar o tom de uma cena. A cinematografia deve primordialmente ajudar o autor a contar sua história. Ajudar a revelar, a informar e, também, a realçar o coeficiente emocional da cena e da história. Numa cena de romance, a doce e azulada cor do luar encontra pouca competição com o amarelo-esverdeado das luzes de sódio-vapor dos postes de luzes da cidade. Tanto quanto meras cortinas em tons de vermelho têm pouco a oferecer em competição com o calor alaranjado do fim do dia. Mais alguns exemplos:

O belíssimo filme *Cinzas no paraíso* (1978), de Terrence Malick, fotografado por Nestor Almendros, é recheado de importantes cenas que só podiam ser filmadas em curtíssimos 25 minutos por dia. Foram dias e dias de filmagem dedicados e condicionados pela chamada “hora mágica”, um pequeno período do dia de duração bem mais curta que uma hora e que produz qualidade, cor e doçura dourada que nenhuma outra forma de luz artificial consegue reproduzir. Ela vale todo o esforço.

Na construção do *design* visual de um filme, cabe ao cinematógrafo atribuir significado às cores que ele manipula. Com árduo trabalho e inegociável

consistência, ele é chamado a ensinar a audiência a criar correlações visuais que, quando presentes, apertem gatilhos e disparem cargas emocionais, de modo que as cores ajudem a reforçar o significado do momento e da cena.

Uma cor pode significar perigo, amizade, força, segurança, maldade, lealdade etc. Se, por exemplo, todas as vezes que houver confusão e discussão, de alguma maneira, uma luz verde estiver presente, com o tempo, a audiência começa a relacionar o verde com alguma circunstância de raiva e violência. Se todas as vezes que o casal se encontra em romance, tiver de alguma forma uma luz amarela, a audiência aprende a relacionar amarelo com amor.

No filme *O sexto sentido* (1999), fotografado por Tak Fujimoto, a cor vermelha está associada à morte. No filme *Um sonho de liberdade* (1994), para o brilhante cinematógrafo Roger Deakins, o mesmo vermelho representa liberdade; enquanto, o azul, aprisionamento. De certo modo, somos condicionados pelo hábil cinematógrafo.

De forma similar, Deus colore certos momentos de nossas vidas com tonalidades de sua providência e verdade. Por vezes, interpretamos erroneamente as coisas. Por exemplo, achamos que o tal vale da sombra da morte significa ausência de cuidado do Bom Pastor. Mas, com o treinamento correto, à luz das Escrituras, somos capazes de reinterpretar a vida, agora sob a direção visual daquele que determina o significado de cada uma das cores, de todas as coisas. A vida tem temporadas e fases que vêm com coloridos diferentes. A infância, no seu desfrute; a adolescência, no seu ardor; a juventude, no seu vigor; a maturidade, na sua resiliência; a velhice, na sua reflexão. Além disso, cada fase dessas é colorida pela providência de Deus com tons mais ou menos escuros, frios e quentes, brilhantes e opacos.

Uma cena nunca é desenhada e iluminada sem levar em consideração as cenas que a antecedem, as que a sucedem, toda a tônica do filme e a direção principal da história, acima da direção do momento. O cinematógrafo se assegura que cada cena se conforme à história como um todo. Quando vislumbramos apenas a cena corrente, tantas vezes esquecemos da história maior que Deus está escrevendo com luz nesse mundo. À luz da grande história de criação-queda-redenção-consumação, toda pequena e ordinária história tem significado, ainda que não com total clareza.

Expandindo o conceito: quando manipulamos cor, saturação, linhas ou luz, sempre pensamos se dentro dessa moldura, dessa imagem, esse ele-

mento se harmoniza, ou ele se opõe a outros elementos. Em uma sala com azulejos quadrados, um aquário redondo ou uma bola de basquete trazem contraste. Em uma casa de paredes em tons amarelos, cortinas azuis promovem contraste. Se as cortinas são alaranjadas, elas estão em afinidade. Mas é necessário ir além desse quadro que nos é apresentado. Mais importante do que se a casa é amarela, importa a cor da casa na qual estávamos antes. E talvez, mais importante ainda, qual será a cor da casa ou do cenário para qual iremos a seguir.

Desse modo, uma cena não é simplesmente clara ou escura, mas é clara ou escura em relação às outras, principalmente às mais próximas. Ela está ou em contraste com a cena anterior, ou ela está em harmonia e afinidade. O resultado direto dessa escolha é mais submisso à história do que ao propósito dessa cena. Para que serve determinada cena em um dado contexto? Seria essa uma cena, ou uma sequência de cenas, que visam aumentar o conflito, elevar o drama, elevar uma situação de difícil para quase impossível? Ou o contrário? É um momento de calma antes da tormenta, ou ainda do alinhamento das coisas que pareciam irreparáveis e ao final encontram resolução? Parece com a vida, não é mesmo? Deus escreve nossa história e os contrastes do que veio antes e do que virá depois podem compor com harmonia ou com dissonância a nossa própria história. Como somos espectadores, ao mesmo tempo em que vivemos nossas vidas, é difícil perceber com clareza o grande trabalho que Deus está fazendo. Mas quantas vezes, ao olharmos para trás, percebemos a sua mão guiando e nos dirigindo cada passo?

Uma boa história envolve conflito, drama e a saída do lugar seguro no qual tudo parece tranquilo e nada muda. Os lugares de aparência calma e sem conflito muitas vezes não são lugares nos quais existe verdadeira paz e genuína alegria, tampouco seriam capazes de compor histórias interessantes.

O contraste entre luz e sombra é fundamental para que entendamos o que cada um desses elementos representa, o que eles realmente são e o papel que desempenham. Uma vela tem muito mais valor e significado na fria madrugada de inverno. As sombras são mais escuras quando somos subitamente privados da luz. Não é verdade dizer que Deus cria contrastes com luz em nossas vidas? Que escuridões assombrosas fazem a luz da aurora parecer mais bela e desejável? Que, por vezes, na escuridão mais medonha a luz ines-

perada aparece como uma aurora boreal? Deus é o cinematógrafo do mundo físico e, com sua providência, ele ilumina magistralmente nossas jornadas. Ele mesmo é a grande fonte de luz. E a luz que vem logo depois de densas trevas brilha bem mais forte do que nossos olhos são capazes de enxergar, tamanho o seu vigor e majestade.

Deus colore este mundo com sua luz. A luz se mostra em todo o desenvolvimento da história da salvação. Na conversa de Deus com Adão e Eva, bem quando a luz ia desaparecendo naquele dia tenebroso. No contexto do pacto com Noé é precisamente a explosão de luz difratada do arco-íris que em sua beleza espectral marca bonança pactual após a tormenta. Abraão experimenta, no escuro e com terror, a luz advinda de um fogareiro fumegante; luz assombrosa que mostra a presença de Deus e causa espanto no coração. Moisés contemplou intrigado a luz do fogo na sarça ardente; a maravilha teofânica mediante a qual Deus mostra para ele algo sobre si mesmo, algo de fazer tirar a sandália em lugar santo. Luz bruxuleante na coluna de fogo guiando o povo no deserto; Deus escrevendo com luz o caminho para a terra prometida. Luz intermitente e repentina no Monte Sinai com o relâmpago, o medo e a presença apavorante do Deus santo. Luz de Deus ao mostrar apenas o rastro de sua santa glória, tendo de proteger o frágil mediador Moisés com sua mão. E mesmo o resquício da luz faz o rosto de Moisés refulgir. A luz da glória *shekinah* no tabernáculo temporário, mostrando que uma luz maior ainda viria. Luz estelar guiando sábios do oriente e luz mostrando o local do nascimento. O universo sabe quem manda nele. Luz no monte da transfiguração — um vislumbre, um mero vislumbre, capaz de mudar o eixo de rotação do coração de homens por toda a história. A falta de luz sobre a cruz do calvário. A morte e a justiça sombreando a luz do mundo. A luz de uma aurora especial num domingo de primícias, no qual a luz venceu as trevas de uma vez por todas.

A luz plena de Deus é demais para nós, meras criaturas; precisamos de luzes mais fracas, a fim de não sermos consumidos. E a esperança é que a luz do novo mundo venha a raiar em nossos corações. Como falou o apóstolo que certa vez ficou temporariamente cego em razão de tanta luz sobre seus olhos: “Porque Deus, que disse, Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6).

CONCLUSÃO

Deus, por certo, é o grande diretor, produtor e roteirista da história deste mundo. O grande enredo de criação-queda-redenção-consumação é a grande metanarrativa da existência. E ele é também o cinematógrafo. Trazendo trevas e luz de maneira incomparável para escrever com luz. Deus está escrevendo este mundo com luz. Fotografando, pintando, cinematografando esta história impressionante.

Nossos olhos precisam ser abertos para vermos os movimentos luminosos do Deus bom. Nossa vida é uma coleção de fotografias tiradas a infinitos quadros por segundo. E mesmo isso não captura tudo. Somos escritos com luz. Somos coleção de passado, presente e futuro. Essa luz é boa, é doce. Essa luz nos pega em ângulos oblíquos, nos atordoia, nos cega, nos aquece. Essa luz escreve. E aquele que é a luz do mundo é a palavra que escreve, e a luz é o caminho, e a luz é a vida.

Ansiemos pela grande incandescência.